



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
(UNIRIO)

PABLO SOARES DE MEDEIROS LUCAS

GUIA DE APOIO À INICIAÇÃO À FLAUTA TRANSVERSAL A PARTIR DO PÍFARO

RIO DE JANEIRO
2023



PABLO SOARES DE MEDEIROS LUCAS

**GUIA DE APOIO À INICIAÇÃO À FLAUTA TRANSVERSAL A PARTIR DO
PÍFARO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao Instituto Villa-Lobos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Música.

Orientador: Dr. Sérgio Barrenechea

Rio de Janeiro
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Lucas, Pablo Soares de Medeiros

SS676

Guia de apoio à iniciação à flauta transversal a partir do pífaro / Pablo Soares de Medeiros Lucas. -- Rio de Janeiro, 2023. 30 f.

Orientador: Sérgio Barrenechea.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Graduação
em Música - Licenciatura, 2023.

1. Ensino de Música. 2. Flauta transversal. I. Barrenechea,
Sérgio, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Letras e Artes - CLA Instituto Villa-Lobos - IVL
Curso de Licenciatura em Música

GUIA DE APOIO À INICIAÇÃO À FLAUTA TRANSVERSAL A PARTIR DO PÍFARO

por

PABLO SOARES DE MEDEIROS LUCAS

BANCA EXAMINADORA
Sérgio Azra Barrenechea

Prof. Dr. Sérgio Azra Barrenechea
José Nunes Fernandes

Prof. Dr. José Nunes Fernandes
Caio Senna

Prof. Dr. Caio Nelson de Senna Neto

10,0 (dez)
Nota : _____

Fevereiro 2023



AGRADECIMENTOS

A Deus pelo fôlego da vida, pois ajudou-me e capacitou-me para permitir que pudesse estar onde sempre quis e sonhei.

Ao meu pai Paulo Alexandre, a minha mãe Sirlene. Vocês são minha base e sobretudo minha família. Entendo que este pequeno caminho não seria possível sem a ajuda e a intercessão de vocês, principalmente. Perdão pelo estresse gerado pela vida acadêmica.

Aos meus parentes que sempre torceram, ajudaram, incentivaram em todos os momentos, ou seja, acreditaram em mim acima de tudo. Aos meus avós que sempre me apoiaram ao máximo.

Aos meus amigos que sempre tentaram entender minhas ausências durante o período letivo e de cumprimento de atividades acadêmicas.

A todos os meus colegas de licenciatura que viraram amigos para a vida, em especial a Dayvid Lucas, Calebe Santos, Lucas Souza e Melissa Cathaldo. Fico grato pelos avisos, pelas palavras de confiança, pelos momentos de sorrisos, abraços e por sempre dizer que não seria fácil nossa jornada, mas seria muito gratificante ao final, e que valeria muito a pena, afinal “desistir” nunca esteve em nosso vocabulário.

Fico lisonjeado por todas as pessoas que passaram por mim durante este tempo e que me agregaram valores que serviram para que eu melhorasse a cada dia.

Ao meu querido professor e orientador Sérgio Barrenechea, por ter aceitado este convite com carinho. Agradeço pela atenção, carinho, respeito, dedicação e, acima de tudo, confiança em mim em todos os momentos deste projeto e por me ensinar muita coisa.

Agradecido!!

A música exprime a mais alta filosofia numa linguagem que a razão não compreende.

Arthur Schopenhauer

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar e dar suporte a professores de flauta transversal, a fim de demonstrar um caminho mais rápido e eficaz para o ensino de um iniciante que esteja interessado em estudá-la. O trabalho é feito mostrando possibilidades que podem ser exploradas para o aprendizado da flauta por meio do pífaru, nas primeiras etapas de ensino. Fazem-se presentes os conceitos do pífaru, necessários tanto para um estudante que não possui nenhum conhecimento na área quanto para um que domina pouco o instrumento. Destacam-se alguns pontos importantes: os aspectos do pífaru, o manuseio do instrumento, a emissão de som, a comparação com a flauta propriamente dita de metal e a possibilidade de aprendizagem em flauta de resina, para a qual propõe-se também a utilização de pequenos trechos de exercícios para a aplicação didática de aspectos técnicos e musicais que culminam em execuções de canções folclóricas. É importante salientar que os conhecimentos adquiridos ao longo do processo de aprendizagem não são um mero amontoado de informações, mas configuram-se como possíveis métodos pedagógicos a serem aprimorados e introduzidos no ensino de flauta.

Palavras-chave: Ensino de música. Pífaru. Flauta transversal de resina. Iniciação à flauta transversal.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Pífaro da Yamaha.....	11
Figura 2. Nota Sol ³ no Pífaro.....	14
Figura 3. Nota MÍ ³ no Pífaro.....	15
Figura 4. Aluno segurando o Pífaro.....	16
Figura 5. Aluna segurando a flauta transversal.....	17
Figura 6. Imagem do modelo <i>J-Flute</i>	19
Figura 7. Imagem do modelo <i>Student Flute</i>	20
Figura 8. Flauta de resina bocal curvo.....	20
Figura 9. Flauta de resina bocal reto.....	21
Figura 10. Flauta de resina sem extensões.....	22
Figura 11. Flauta de resina com extensões.....	22
Figura 12. Exercício com a nota SÍ ³	23
Figura 13. Exercício com a nota Lá ³	23
Figura 14. Exercício com notas misturadas sol ³ , lá ³ e sí ³	24
Figura 15. Música <i>Asa Branca</i>	25
Figura 16. Música <i>Peixe vivo</i>	26
Figura 17. Música <i>Oh! Ciranda, cirandinha</i>	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – ASPECTOS DO PÍFARO.....	11
1.1 Emissão sonora.....	12
1.2 Dedilhado.....	13
1.3 Postura.....	15
CAPÍTULO 2 – COMPARAÇÃO ENTRE O PÍFARO E A FLAUTA TRANSVERSAL.....	18
2.1 Flauta transversal de resina.....	19
2.2 Exercícios pedagógicos no pífaro.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva apresentar informações e discussões que auxiliem na utilização do pífaro fabricado pela empresa Yamaha como uma alternativa prática, e de baixo custo, para a iniciação musical instrumental em vários ambientes, como a escola regular e os projetos sociais. Com esta proposta, prevê-se avanços em sala de aula nos âmbitos como o da criatividade e da diversidade.

Observa-se, no contexto de escolas específicas de música, que a flauta transversal vem atendendo um público cada vez mais jovem. Todavia, a iniciação à flauta transversal com crianças que se encontram por volta dos seis ou sete anos de idade não é uma tarefa muito fácil de realizar, já que a flauta transversal de metal não foi projetada para o público infantil, sobretudo para as crianças que se encontram na faixa etária inferior aos nove anos de idade, pois esse instrumento é pesado e tem dimensões destinadas a corpos adultos. Segundo Neves (2013), utilizar a flauta transversal de metal no ensino do instrumento musical para crianças pode acarretar obstáculos para o aprendizado musical. Contornar esses obstáculos pode ser uma tarefa difícil, que, muitas vezes, inibe o processo de aprendizagem, desestimulando o aluno iniciante.

Com a disponibilidade de utilização do pífaro da Yamaha existe uma possibilidade de inserção desta prática para as crianças mais novas, já que se trata de um instrumento mais leve que mantém algumas demandas similares às de uma flauta transversal. Além disso, esta proposta amplia a discussão acerca de metodologias de ensino com o objetivo de conseguir melhores resultados na iniciação infantil, ao incluir mais uma oportunidade de a criança “colocar a mão na massa”.

É importante notar que o pífaro, ou pife, foi e ainda é considerado uma concepção ancestral da flauta transversal moderna que sobreviveu quase inalterada em nichos de músicas nordestinas e também de outras culturas. Com o passar do tempo, as flautas foram tomando as formas como são conhecidas hoje. Portanto, o pífaro é um instrumento musical tocado de maneira horizontal semelhantemente à flauta transversal, contém orifícios (normalmente 6), que para soarem diferentes notas utiliza-se os dedos. O pífaro da Yamaha é uma versão moderna dessa versão “primitiva” da flauta e foi projetado em resina plástica com intuito didático, ao se combinar elementos da flauta doce (8 furos) com o bocal de um pífaro tradicional.

Por proporcionar essa aproximação, essa mini flauta transversal de resina, o pífaro, é apresentada como uma possibilidade para o ensino em eventual substituição ao instrumento de metal. Vemos que, tanto para a flauta quanto para qualquer outro instrumento, é notório o elevado acervo de materiais para sua exploração pedagógica, bem como contam com diversos exercícios e /ou estudos para o domínio deles. No caso do pífaro, o interesse recentemente tem aumentado, ocasionando um incremento de publicações, além disso, acredita-se que materiais didáticos para outros instrumentos, como a flauta doce e a flauta transversal, podem também ser adaptados com esse intuito.

A partir do conceito de que é desejável que o repertório de ensino básico, e, portanto, de uma proposta de iniciação musical, contemple linguagens musicais de diferentes estilos, gêneros, épocas e culturas (SWANWICK, 1991), considera-se que é importante sempre deixar o aluno ter o seu próprio caminho cultural, ou seja, deixar que ele mesmo cultive as experiências musicais e culturais por ele vividas, ou que tenham relação com sua ancestralidade, e traga para o repertório por ele construído. Portanto, apresenta-se, neste guia, um material didático que contempla a cultura brasileira.

No primeiro capítulo discutem-se os aspectos do pífaro. Observa-se sua viabilidade para a iniciação à flauta e são apresentados três aspectos funcionais para a abordagem inicial do pífaro, a saber: Emissão sonora, Dedilhado e Postura.

No segundo capítulo, apresenta-se uma pequena comparação do pífaro com a flauta transversal. Propõe-se delinear um caminho para quem busca o melhor processo de aprendizagem na iniciação ao instrumento e demonstra-se as dificuldades em adquirir um equipamento de custo elevado e que, dependendo da idade, pode ser muito pesado para se sustentar ao tocar. Somando-se a isso, nesse mesmo capítulo, apresenta-se uma alternativa de ensino no “pré-transversal”, que seria a apresentação da flauta de resina como uma alternativa quiçá pedagógica e musical, dependendo do contexto.

A partir disso, acrescenta-se alguns pequenos exercícios para o entendimento do aluno sobre as questões de digitação, que em um primeiro momento é vista por meio de atividades exclusivamente com a mão esquerda, depois com a direita e, para finalizar, com tarefas com as duas mãos.

CAPÍTULO 1 – ASPECTOS DO PÍFARO

Nota-se que os instrumentos tradicionais da música erudita ocidental são, primordialmente, projetados para os adultos. O pífaro vem também alcançando, com a flauta doce, um papel no processo musicalizador, pois tem demonstrado ser um grande favorecedor do processo de iniciação à flauta transversal. Ele auxilia no desenvolvimento de crianças em fase inicial de aprendizagem, ameniza algumas das dificuldades inerentes a essa fase, propiciando aos principiantes uma sensação de naturalidade e familiaridade com o instrumento. Ao mudarem posteriormente para a flauta transversal, as crianças que iniciam no pífaro conseguem manter uma continuidade do trabalho de desenvolvimento técnico e musical.

A flauta pífaro é uma flauta industrializada, pequena (36 cm de comprimento), cujo material de fabricação é resina plástica. Encontram-se à venda no Brasil duas marcas: Yamaha (com fábricas no Japão e EUA) e RMV (de fabricação brasileira). No exterior, esse instrumento é comumente chamado de *Yamaha-Fife*. O pífaro é dividido em duas partes (cabeça e corpo) que são encaixáveis. O corpo do instrumento possui 8 orifícios e não apresenta nenhuma chave ou mecanismo.

Figura1: Pífaro da Yamaha



Fonte: Disponível em: <https://th.bing.com/th/id/OIP.bBcxaBvJr5oH7MeH7En7QHd4?pid=ImgDet&rs=1>
Acesso em: 11 jan. 2023.

Inicialmente, pode-se propor uma metodologia pedagógica para o início no instrumento. Para isso, sugiro três aspectos a serem trabalhados na fase de iniciação:

- Emissão sonora: como emitir o som e os registros;
- Dedilhado: como dedilhar o instrumento;
- Postura: como segurar o instrumento.

1.1 Emissão sonora

Antes mesmo de se trabalhar com o bocal do pífaro, existem diversas atividades que utilizamos para o treinamento do sopro durante a embocadura. Por exemplo, pegar vários pequenos frascos, tampas de caneta, garrafinhas, mas com buracos não muito grandes, para poder simular a abertura do pífaro. Geralmente é mais fácil para um principiante conseguir emitir o som nesses pequenos objetos do que no bocal.

Após esse momento lúdico de brincadeiras com materiais do dia a dia, o direcionamento por parte dos professores é sempre de que o iniciante deva começar a aprender a tocar, ou emitir o som na flauta ou no pífaro, utilizando apenas o bocal do instrumento e não a flauta montada, pois isso garante o desenvolvimento de um domínio maior sobre a cabeça do instrumento, que vai colaborar quando houver a junção da cabeça e do corpo para a execução. O iniciante pode segurar o bocal do pífaro com as duas mãos, pelas extremidades. No prólogo de seu livro *A flauta transversa: método elementar*, Pierre-Yves Artaud escreve, como um princípio de base para emissão sonora na flauta transversal, que:

[...] o aluno aprende a produzir som apenas com o bocal, e sem a ajuda do golpe de língua (isto porém pode ser modificado) [...]. Todo esse aprendizado inicial tem, logicamente, uma duração muito variável, que pode levar de alguns dias a várias semanas. Somente após essa primeira etapa o aluno deverá tocar com a flauta montada. (ARTAUD, 1995, p. 9)

Pode-se propor ao aluno que sople somente no bocal e emita o som. Além disso, existe a possibilidade, para o aluno desenvolver variações sonoras em relação ao sopro, de fechar a extremidade oposta ao orifício do sopro para conseguir um som mais grave. A partir daí já se têm duas notas que podem ser usadas para fazer um exercício ou improvisar uma música.

No início, geralmente são necessários alguns minutos de tentativas: em algumas vezes a criança consegue emitir o som, em outras, não. Para um principiante, a emissão de seu primeiro som em um pífaro ou em uma flauta transversal não ocorre de maneira tão imediata como em uma flauta doce: devido ao grau de complexidade da emissão sonora por uma embocadura livre (característica de produção sonora das flautas transversais), pode ser que leve algum tempo para que o iniciante obtenha um mínimo nível de estabilidade e controle dos lábios e do jato de ar. Para esse começo no instrumento, muitos profissionais especializados recomendam o uso das “aquaflautas” – recipiente de plástico contendo água até a metade de seu volume. Após essa parte utilizamos alternativas pedagógicas para o ensino do instrumento; depois das atividades usando bocal do pífaro, segurando-o com as duas mãos pelas extremidades, pois já treinaram suas embocaduras com as aquaflautas, as

quais ainda propiciam o interesse dos alunos pelos processos de criação musical (SAMPAIO, 2005).

A habilidade de ter controle para a emissão do som na flauta ou no pífaro só é possível pelo controle da embocadura, ou seja, da capacidade de se embocar um instrumento posicionando os lábios e controlando o ar de uma maneira eficaz para causar a vibração sonora. Woltzenlogel (1982) afirma que a embocadura é conhecida como a maneira de posicionar os lábios na flauta para produzir o som. Taffanel e Gaubert (1958) afirmam que existem regras complexas sobre a emissão do som, envolvendo a embocadura. Segundo esses autores, é necessário considerar a relação constante que deve existir entre a tensão dos lábios, a intensidade do sopro e sua direção. Ainda de acordo com Taffanel e Gaubert (1958), é preciso que se pratique constantemente, para que a embocadura se torne algo automático para o que se deseja tocar. Os alunos iniciantes ficam expostos a variações de resultado sonoro, já que a mínima alteração em direcionar o sopro e controlar a tensão dos lábios resulta em diferenças de oitava, como ao se tentar produzir a nota Fá 4, da quinta linha da clave de sol, e, erroneamente, por não controlar a emissão, o que se produz é a nota Fá 3, do primeiro espaço da clave de sol.

Segundo Fletcher (1974, p. 57-61), que apresenta um artigo inovador e fundamental para entender um pouco a engrenagem da flauta, a emissão sonora da flauta depende da posição dos lábios (embocadura), da pressão do sopro, e ainda ressalta a importância de se controlar as outras variáveis para o uso: afinação, dinâmica, timbre, ou seja, princípios físicos para realização dos diferentes registros na flauta.

1.2 Dedilhado

Quando alguém se propõe a desenvolver a digitação das notas na flauta, é importante seguir os caminhos que levam a entender sobre o funcionamento do instrumento e da coordenação dos dedos. Inicialmente, Sampaio (2005) apresenta-nos uma proposta a partir de reflexões e estudos, na qual mostra que o caminho mais exitoso é partindo dos exercícios e melodias que envolvem as notas consideradas básicas. São elas: Si³, Lá³ e Sol³, pois utilizam apenas a mão esquerda (dedos polegar, indicador, médio e anelar). Após alguns pequenos exercícios e sanadas todas as dúvidas a respeito da mão esquerda e sua digitação, acrescentamos a mão direita com as seguintes notas: Fá³, Mí³ e Ré³ (respectivamente dedos indicador, médio e anelar). A exceção fica com a nota Dó grave, Dó³, visto que precisa de um tempo maior para a sua execução, pois a embocadura exige certo ajuste fino. Em alguns métodos de flauta transversal, é comum uma linha de ensino que inicia com essas notas

básicas, mas não tem uma regra estabelecida, e, com certeza, esse parece ser um caminho comprovadamente mais fácil para o aluno iniciante.

No caso dos autores citados anteriormente, ambos propõem começar pela nota Si₃, como podemos verificar em Taffanel e Gaubert (1958) e Woltzenlogel (1982). Nesse dedilhado utilizam-se apenas dois dedos, o indicador e o polegar, da mão esquerda. Esta digitação facilita a coordenação motora e favorece uma iniciação mais tranquila ao instrumento. A partir desse primeiro contato, assim que possível, o professor deve tentar a inclusão das notas Lá 3 e Sol 3, depois de exercícios com as três notas (Si-Lá-Sol), pois ampliam-se muito as possibilidades. A quarta e a quinta notas variam de aluno para aluno, pois nem todos sentem-se confortáveis com a posição do Dó (que exige soltar o polegar e pode causar um desequilíbrio na sustentação da flauta ou pífaro). É importante notar que a partir daí faz-se presente o domínio da mão esquerda no sistema (Dó- Sí- Lá- Sol).

Abaixo, compartilho o canal do youtuber Sérgio Rodrigues (“Só na flauta”), no qual indica algumas vantagens de adquirir este instrumento. Ele fala sobre aspectos mecânicos e técnicos também. Destaca diferenças entre afinação, embocadura, preços, durabilidade, tamanho e peso, mostra que a marca Yamaha é a mais adequada para aquisição, servindo de entrada para a flauta transversal; aborda ainda dicas sobre limpeza do instrumento. Nesse canal é possível observar a realização das primeiras notas e a questão da mudança de notas. Destaco duas em específico, cujas fotos detalham a mudança de mãos, as seguintes notas: Mí₃ e sol₃.

Figura 2: Nota sol₃ no Pífaro



Fonte: Disponível em: <https://youtu.be/zrYME-e7Gjs> Acesso em: 23 jan. 2023.

Figura 3: Nota Mi₃ no Pífarô



Fonte: Disponível em: <https://youtu.be/zrYME-e7Gjs> Acesso em: 23 jan. 2023.

Outra opção é seguir o caminho para o grave. Apresenta-se, depois disso, o Fá₃. Neste ponto do aprendizado, já se tem cinco notas na disposição: Dó₄, Si₃, Lá₃, Sol₃ e Fá₃. Nesse ponto é importante praticar essas notas bem devagar, pois é a hora de incluir a mão direita, para a nota Fá. Após essa nova adição de coordenação motora, acrescenta-se a nota Mi₃, quando o iniciante estiver bem familiarizado com a complexidade dos movimentos dos dedos. Seguindo a direção descendente da escala, coloca-se o segundo dedo da mão direita, o dedo médio para o Mi grave ou Mi₃.

1.3 Postura

Apesar da grande diferença de tamanho entre a flauta e o pífarô, a forma de se segurar é bastante semelhante. Para uma criança é bem mais fácil segurar e equilibrar um pífarô do que uma flauta transversal, em razão do pequeno tamanho e baixo peso do instrumento de plástico. Segundo Sampaio (2005), no pífarô existem pontos notáveis no que diz respeito ao toque no instrumento: o dedo polegar da mão direita; a base do dedo indicador (falange) da mão esquerda e a região imediatamente abaixo do lábio inferior (porta-lábio). Esses são importantes pontos de contato com o instrumento. Destaca-se a necessidade de ter-se atenção com a posição da cabeça, que deve estar levemente inclinada para a esquerda, a fim de se evitar tensão no braço e no ombro esquerdo. Essa série de cuidados posturais no processo de iniciação com o pífarô evita problemas musculares em decorrência do estudo do instrumento musical. A idade e a altura mínimas sugeridas para se iniciar são de entre oito e dez anos e 130 cm de altura (NEVES, 2013).

Figura 4: Aluno segurando o Pífaro

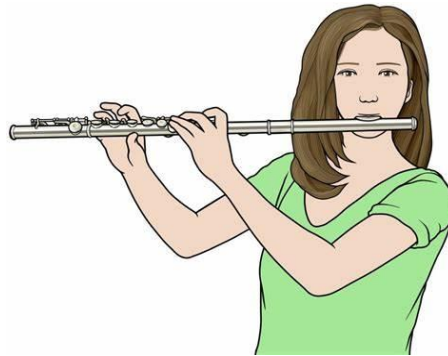


Fonte: Disponível em: https://www.wikihow.com/images_en/thumb/e/ed/Play-the-Fife-Step-10-Version-2.jpg/v4-460px-Play-the-Fife-Step-10-Version-2.jpg Acesso em: 20 jan. 2023.

Nessa fase inicial, tradicionalmente, a mão direita possui a única função de sustentar parte do peso da flauta em dois pontos de apoio, que são o dedo polegar e o dedo mínimo. Quando os alunos iniciantes tentam sustentar a maior parte do peso da flauta com a mão direita, normalmente é realizado um movimento de pinça com os dedos polegar e mínimo dessa mão. Esse movimento de “pinçar a flauta”, além de causar dores, também enrijece os dedos, tencionando-os, o que é indesejável durante o estudo de flauta transversal ou pífaro, tanto por adultos como por crianças. Portanto, é importante introduzir o conceito de apoio do instrumento como uma alavanca, em quatro pontos: o polegar direito empurra para frente, o dedo mínimo direito deve apoiar para baixo, a falange do dedo indicador da mão esquerda serve para apoiar e o queixo freia a alavanca.

Segundo Woltzenlogel (1982), a flauta transversal de metal é sustentada em quatro pontos básicos de apoio: o lábio inferior (acima do queixo), a base do dedo indicador da mão esquerda e os dedos polegar e mínimo da mão direita. O peso do instrumento é distribuído nesses quatro pontos, o que pode causar desconforto instrumental, já que se trata de um instrumento pesado para se manter apoiado nos pontos citados, considerando a estrutura física da criança. Segundo Taffanel e Gaubert (1958), a postura corporal para tocar um instrumento precisa ser confortável e o corpo deve ficar em uma posição natural, eles afirmam que, desde o início das aulas, é necessário ter o hábito de olhar em um espelho ao tocar, para evitar uma postura incorreta e que provoque problemas futuros. Deve-se sempre ter em mente o cuidado de fazer atividades físicas regularmente, para não se ter o aparecimento de algumas ocorrências na saúde advindas de má postura enquanto se produz som.

Figura 5: Aluna segurando a flauta transversal



Fonte: Disponível em: <https://th.bing.com/th/id/OIP.G24hFIR563sLcli6OJx6hAHaF8?pid=ImgDet&rs=1>
Acesso em: 15 jan. 2023.

CAPÍTULO 2 – COMPARAÇÃO ENTRE O PÍFARO E A FLAUTA TRANSVERSAL

Como já foi discutido anteriormente, a flauta transversal e o pífaro têm muitos elementos em comum. Apresenta-se em seguida uma discussão sobre as diferenças entre os instrumentos musicais e as suas similaridades, com o intuito de ajudar em uma possível decisão sobre qual opção deve ser escolhida para se utilizar na iniciação musical, de acordo com o contexto de cada aluno.

Por ser feito de plástico, o pífaro assemelha-se à flauta doce soprano em tamanho. O seu bocal é parecido com o bocal de um flautim, o que mantém a embocadura livre como em uma flauta transversal. Não possui chaves, apenas oito orifícios e compõe-se de duas partes – bocal e corpo. A nota mais grave é o Dó₃ e a mais aguda é o Mi₅. Em termos de dedilhado, mantém o mesmo da flauta transversal na escala de Dó maior nas duas primeiras oitavas. O instrumento musical possui 34 cm de comprimento e 70g de peso.

O pífaro é um instrumento fácil de transportar e de limpar, o que torna seu uso apropriado para crianças, o que o faz ser escolhido por alguns professores no processo de iniciação à flauta transversal.

Em relação aos cuidados com a limpeza e manutenção de uma flauta transversal de metal, recomenda-se conservá-la sempre limpa, mantendo higienizado o orifício do bocal, por meio de utilização de um cotonete úmido em álcool (WOLTZENLOGEL, 1982).

A limpeza da parte interior do corpo e do pé da flauta é realizada com vareta e flanela separadas apenas para esse fim. Para limpar o tubo da flauta por dentro, coloca-se um lenço (ou flanela) no furo da vareta e, em seguida, passa-se a vareta por dentro do tubo da flauta. Outro cuidado que deve ser praticado é a lavagem das mãos para evitar qualquer tipo de contaminação. Já a limpeza da parte exterior do instrumento é feita com um pano separado apenas para esse fim. Após desmontar a flauta, limpa-se cada parte da flauta (bocal, corpo e pé), para serem guardadas dentro do estojo.

No caso do pífaro, suas partes podem ser minuciosamente lavadas com água e sabão neutro, pois trata-se de um instrumento com orifícios que permitem a limpeza com tais tipos de produtos sem causar danos.

Para realizar o procedimento de lavagem, utiliza-se detergente neutro, água e uma toalha para secar a flauta. Esse procedimento de limpeza não seria possível em um instrumento musical feito de madeira ou de metal, por exemplo. A higienização total é necessária apenas de seis em seis meses. Diariamente, após a utilização do pífaro, recomenda-

se limpar a parte de fora e a parte de dentro com o pano interligado à vareta que acompanha o instrumento.

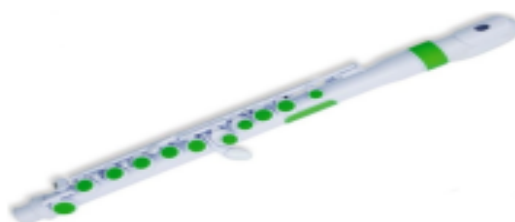
A flauta transversal de metal divide-se em três partes que são chamadas de bocal, corpo e pé. No caso do pífaro são somente duas partes, bocal e corpo. Segundo Woltzenlogel (1982), essa divisão facilita sua acomodação num estojo pequeno e fácil de transportar. No ato de montar e desmontar o instrumento, é fundamental ter cuidado para que nenhuma dessas partes sofra algum tipo de queda, pois isso pode danificar o funcionamento da flauta. Ele ainda recomenda que, durante a montagem, não se deve segurar diretamente em cima do mecanismo, para evitar danos. Para Woltzenlogel (1982), embora esse alinhamento apresente variações de acordo com a escolha do flautista durante a performance, é importante que a posição das chaves da flauta esteja alinhada com o furo do porta-lábios, pois, dessa forma, evitam-se tensões musculares nas mãos ou nos dedos.

2.1 Flauta transversal de resina

Após algumas buscas sobre esse tema, encontrou-se um estudo acerca da flauta de resina citado por uma aluna de pós-graduação da UFG, trabalho que teve como objetivo mostrar que esse instrumento alternativo pode ser um recurso eficaz para a iniciação à flauta propriamente de metal. Nascimento (2016) informa que sua pesquisa é sobre a flauta de resina e discorre sobre avaliações e reflexões acerca da possível viabilidade do uso desse material para crianças de seis e sete anos de idade.

Ela coletou informações a partir de dados do fabricante (*Nuvo Instrumental Limited*) sobre o uso destes materiais aqui no Brasil. Os modelos *Student Flute* e o *J-Flute* são construídos de polímeros leves, tornando os instrumentos fáceis de manusear, extremamente duráveis e 100% impermeáveis. Essa impermeabilidade diz respeito às sapatilhas que são construídas de borracha de silicone, diferentes das sapatilhas encontradas nas flautas transversais de metal destinadas a iniciantes.

Figura 6: Imagem do modelo *J-Flute*



Fonte: Disponível em: <https://vianamusica.pt/media/images/products/2020/9/9SL09TJP0N.jpg> Acesso em: 5 dez. 2022.

Figura 7: Imagem do modelo *Student Flute*



Fonte: Disponível em: <https://d1aeri3ty3izns.cloudfront.net/media/34/348788/1200/preview.jpg> Acesso em: 5 dez. 2022.

Com essas opções, Nascimento (2016) afirma que o aluno, a partir de seis ou sete anos de idade, pode escolher a cor de que mais gostar, pois os dois modelos disponíveis são adaptáveis, de acordo com a sua necessidade. Caso o aluno tenha uma *J-Flute*, se ele quiser poderá adquirir as peças, que são vendidas separadamente, para converter o instrumento em *Student Flute*. Todavia, se o aluno tiver uma *Student Flute*, ele também poderá adquirir o bocal curvo e, assim, transformar seu instrumento em uma *J-Flute*. Ele tem ainda a escolha de optar entre duas opções de bocal: curvo ou reto.

Figura 8: Flauta de resina bocal curvo



Fonte: Disponível em: <https://i.pinimg.com/736x/9f/28/21/9f28210b9be26508b75102b10a74be0e.jpg> Acesso em: 17 dez. 2022.

Figura 9: Flauta de resina bocal reto



Fonte: Disponível em: <https://d1aeri3ty3izns.cloudfront.net/media/58/587765/1200/preview.jpg> Acesso em: 17 dez. 2022.

Ainda segundo Nascimento (2016), a flauta transversal de resina pode ser utilizada pela criança por tempo indeterminado, sem ter a necessidade de fazer a transição para um modelo construído em metal. Por exemplo, um aluno que inicia seus estudos aos cinco anos de idade, poderá utilizar a flauta *J-Flute* (corpo e bocal curvo) até que atinja as condições físicas necessárias para realizar a transição para o modelo *Student Flute* (bocal reto, corpo e pé em Dó), realizando a conversão de modelos. Em referência à conversão de modelos, em termos de funcionamento de mecanismos e sonoridade, não foram observadas diferenças de qualidade entre os modelos *J-Flute* e *Student Flute*. Esses instrumentos destacam-se como uma alternativa didática em substituição ao instrumento de metal, tendo em vista que são adequadas para uso das crianças.

A flauta transversal de resina, que é fabricada pela NUVO, dispõe de itens importantes destinados ao conforto da criança enquanto utiliza o instrumento. Esses itens são: extensão das chaves nas quais se posicionam os dedos médio, anelar e mínimo da mão esquerda (chaves das notas Sol, Sol # e Lá) e almofadas de borracha para o apoio dos dedos indicador esquerdo e polegar direito. Esse recurso de extensão possibilita à criança posicionar os dedos de forma confortável nas chaves para preservar a postura correta da mão esquerda.

Figura 10: Flauta de resina sem extensões



Fonte: Disponível em: <https://i.pinimg.com/736x/9f/28/21/9f28210b9be26508b75102b10a74be0e.jpg> Acesso em: 27 dez. 2022.

Figura 11: Flauta de resina com extensões



Fonte: Disponível em: <https://vianamusica.pt/media/cache/da/25/da251456cad7656f3448932f84544819.png> Acesso em: 27 dez. 2022.

2.2 Exercícios pedagógicos no pífaro

A seguir destacam-se alguns exercícios que podem ser aplicados nas primeiras aulas e atividades ao se utilizar o pífaro como instrumento de iniciação musical. Não se considera aqui a necessidade de leitura musical, focando-se somente na demanda de conhecimentos e habilidades para o desenvolvimento da prática instrumental.

Uma possível proposta de atividade que pode ser pedida em sala: quando o aluno estiver tocando as suas primeiras notas (notas musicais Si³, Lá³), levando em conta o dedilhado inicial somente com a mão esquerda, deve-se pedir para o estudante executar no instrumento a tarefa abaixo:

Figura 12: Exercício com a nota Si3

Exercício rítmico com a nota si

flauta ou outros instrumentos melódicos em dó

www.xpressingmusic.com

Introdução: 4 Compassos Fim

D.C. até Fim

Fonte: Disponível em: <https://xmusic.pt/investigacao-recursos/recursos-didaticos/educacao-musical?start=5>
Acesso em: 23 jan. 2023.

E, sendo assim, seguindo-se as notas lá3:

Figura 13: Exercício com a nota lá3

Exercício rítmico com a nota Lá

flautas ou outros instrumentos melódicos em dó

www.xpressingmusic.com

Introdução: 4 Compassos

(...)

Fonte: Disponível em: <https://xmusic.pt/investigacao-recursos/recursos-didaticos/educacao-musical?start=5>
Acesso em: 23 jan. 2023.

Após executarem com a ajuda de seu professor essas notas, deve-se adicionar a nota sol³ também para o entendimento da digitação e, por conseguinte, da atenção às notas na pauta. Em seguida deve-se misturar as três notas para melhor compreensão.

Figura 14: Exercício com notas misturadas sol³, lá³ e si³



Fonte: Disponível em: <https://aulaluisarean.com/wp-content/gallery/exercicios-coa-frauta/SI-SOL.jpg> Acesso em: 23 jan. 2023.

Esse exercício se mostra eficaz no processo de ensino da digitação inicial do instrumento. Os alunos conseguem realizar com tranquilidade essa digitação que envolve as notas naturais da mão esquerda. Após esse processo, os alunos devem mostrar-se familiarizados com o instrumento. Realizar o exercício em conjunto, professor e aluno, permite uma vivência mais envolvente com o aluno, e, dessa forma, reforçam-se os vínculos de um para com o outro.

Observa-se também que essa vivência promove uma flexibilidade tanto para o aluno quanto para o professor, pois não é exigido um rigor na execução das células rítmicas. Para a constância do aluno e o aprendizado por parte dele com o seu instrumento, e na busca do conhecimento em sala de aula, é de suma importância parabenizar e incentivar o aluno, mesmo quando o ritmo tocado por ele não for o proposto.

Pode-se inserir no meio do exercício o porquê de a questão do ataque sem língua não ter sido escolhida. Primeiro, porque se busca uma relação de proximidade com o ato de respirar. Em segundo lugar, considera-se a experiência de expor a articulação com golpe de língua a crianças de seis e sete anos, nesse caso torna-se desconfortável o processo de ensino. Por esse motivo, adota-se inicialmente a prática de articular as notas utilizando ataque sem língua. Acredita-se que o ato de articular notas musicais, com diferentes tipos de ataques na

flauta transversal, está intimamente ligado ao ato de respirar, que, por si só, possui uma característica difícil, especialmente quando lidamos com crianças.

Incentivar a cultura no país é um fator favorável para a estratégia de ensinar não só música, mas também sobre a história de um povo, de um lugar. Por isso, sugere-se, como próximo passo, a leitura e a execução das músicas *Asa Branca*, *Peixe vivo* e *Oh! Ciranda, cirandinha*. Na sua letra, a temática da música *Asa Branca* fala sobre a resistência do povo nordestino durante as severas secas no período, ali no local.

Figura 15: Música *Asa Branca*

Asa Branca

Luiz Gonzaga

The musical score for 'Asa Branca' is written in G major (one sharp) and 2/4 time. The tempo is marked as 107. The score consists of six staves of music. The chords are: G, C, G, D (measures 1-4); G, C, Am (measures 5-7); D7, G, C (measures 8-10); Am, D7, G, C, Am (measures 11-13); D7, G, C, Am (measures 14-16); D7, G, C, Am (measures 17-19). The piece ends with a repeat sign and two endings, both marked with a G chord.

www.saxofonista.com.br

Fonte: Disponível em: <https://saxofonista.com.br/downloads/Asa-Branca.jpg> Acesso em: 26 jan. 2023.

Tem-se acesso a uma vasta gama de músicas. Para o iniciante é fundamental a presença de várias características musicais reunidas para os estudos diários, priorizando o nível e o tempo de prática de cada aluno. O ideal é sempre começar os estudos com menos notas e depois ir aumentando o número de notas e figuras. Como visto em *Asa Branca*, a combinação de notas e figuras rítmicas é compatível com as atividades a serem praticadas em sala, por um aluno que já tenha aprendido a tocar o registro médio do píforo, e como tarefa para ser trabalhada em casa, sem precisar do auxílio do professor.

Figura 16: Música *Peixe vivo*

Peixe vivo

www.saxofonista.com.br Folclore

Co - mo po - deum pei - xe vi - vo -

5 vi - ver fo - ra dá - gua fri - a?

9 co - mo po - de - rei vi - ve - er

13 Co - mo po - deum pei - xe vi - vo -

17 vi - ver fo - ra dá - gua fri - a?

www.saxofonista.com.br

Fonte: Disponível em: <https://www.saxofonista.com.br/downloads/Peixevivo.jpg> Acesso em: 26 jan. 2023.

É importante indicar os lugares na frase para a respiração (neste caso indicamos o momento de inspiração, pois a expiração acontece sempre ao se produzir o som na flauta). Algumas partituras de melodias para iniciantes já trazem essa indicação, mas sempre é necessária a observação do professor para indicar locais de respiração adaptados à capacidade de cada aluno. Esses locais de respiração devem obedecer ao fluxo da frase musical. No caso de músicas que se tem a letra, pode-se acompanhar as frases do poema para tomar essa decisão, como é o caso de *Peixe vivo*.

Pode-se notar que, onde há variação de articulação nas músicas, exige-se uma necessidade de auxílio por parte do professor para explicar a realização do proposto. A articulação ligada não pode ter interrupção do fluxo de ar entre uma nota. A articulação normal ou destacada exige a pronúncia de consoante no início de cada nota, que podem ser T ou D. É importante ter em mente sempre os cuidados necessários para não comprometer a música e nem a característica pela qual ela é proposta para a atividade, é fundamental para sua interpretação. Na música *Peixe vivo* têm-se notas articuladas e duas ligadas no final da frase, e na música *Oh! Ciranda, Cirandinha* tem-se colcheias destacadas praticamente todo o tempo.

Figura 17: Música *Oh! Ciranda, Cirandinha*

Style: March
Voice: Flute
♩ = 130

Ciranda, Cirandinha

Cantiga de roda

1. vez 2. vez

Dó M = C Sol M = G

Dó M = C Sol M = G

Dó M = C

Fonte: Disponível em:

<https://2.bp.blogspot.com/2JxKYMoybmQ/TxwX0865nQI/AAAAAAAAACBo/A8OdJp3fbV4/s1600/Ciranda%252C+cirandinha.jpg> Acesso em: 25 jan. 2023.

Em *Oh! Ciranda, Cirandinha*, assim como em *Asa Branca*, muitos elementos de combinações melódicas como arpejos, escalas e sequências são em terças. O professor pode destacar esses elementos e realizar exercícios para o desenvolvimento técnico, pois existe uma complexidade de coordenação de movimentos de dedos e uma sedimentação de conhecimentos da teoria e análise musicais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa teve o propósito de mostrar um panorama de materiais de apoio que apresentam alguns caminhos possíveis para uma eficaz aprendizagem musical a partir do pífaro. Pretendeu-se apresentar uma amostra do vasto material existente, com o intuito de servir como contribuição para a discussão deste tema. As ideias e conceitos apresentados corroboram que a prática musical com crianças de diferentes idades, e até para adultos sem conhecimento em flauta transversal, pode ser realizada sem restrições.

Buscou-se sempre proporcionar o entendimento de engrenagens do pífaro nesse trajeto, a fim de solidificar o caminho mais “fácil” para a execução no instrumento. Com essa finalidade, propôs-se a observar os pontos comuns de alguns métodos e textos relativos à iniciação à flauta, para demonstrar os diversos desdobramentos que existem na busca por um “caminho mais certo” para conseguir tocar o pífaro e eventualmente a flauta de metal.

Percebeu-se que ainda se discute muito sobre qual o caminho mais apropriado para um ensino pré-flautístico. Por isso, nesse sentido, o pífaro apresenta-se como uma opção eficaz para o ensino dentro de sala de aula, iniciando assim a ascensão no instrumento. Os estudos aplicados aqui dizem respeito somente ao contexto da iniciação à flauta. Pode-se considerar a utilização do pífaro como uma espécie de ensaio para os professores participantes dessa área aplicarem ou desenvolverem algo mais concreto com os alunos mais jovens, para depois seguirem um caminho mais embasado para o estudante na área de flauta transversal. Nessa direção, contemplou-se novos materiais, como as flautas de resina, e novos métodos de aplicação para o instrumento desejado, adaptando-se à realidade dos estudantes espalhados pelo Brasil.

É de suma importância pensar em um material que contemple os anseios dos alunos estudantes de flauta transversal no Brasil. Portanto, teve-se o cuidado de propor um material didático advindo da cultura brasileira. Lembrando que, por existir muitas informações, é necessário delimitar as vertentes existentes, e assim deixar claro que existem vários caminhos que podem vir a ser seguidos. Pretendeu-se ainda reforçar a relação em sala de aula para contribuir com a harmonia entre aluno - professor no que diz respeito à “liberdade” do aluno na geração de vários temas relacionados ou não com o instrumento.

Deve-se sempre salientar aos professores de música sobre os benefícios e os efeitos de uma aula bem planejada e estruturada que possa sempre inspirar novos aprendizes e que não fique só em palavras, mas que gere ações no presente, visando ao futuro, para que se possa

chegar com êxito aos objetivos de ensino e aprendizado. Neste guia, apresentou-se o resultado de pesquisas que refletem essa preocupação com o engajamento didático, com o intuito de divulgar ainda mais o instrumento chamado flauta, por meio de sua versão mais simples, o pífaro.

REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Pierre-Yves. **A flauta transversa: método elementar**. Tradução de Raul Costa D'ávila e Carmem C.O Gonçalves. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- FLETCHER, Neville H. Some acoustical Principles of flute Technique. **The Instrumentalist**, v. XXVIII, n. 7, fev. 1974.
- NASCIMENTO, Kamilla Thaís Couto do. **Caminhos e abordagens na iniciação infantil a um instrumento: a utilização da flauta transversal de resina como recurso didático**. 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- NEVES, Mariana Simões. **Iniciação à flauta transversal: passagem da fife para o flautim**. 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2013.
- SAMPAIO, Alberto Neto. **A iniciação infantil à flauta transversal a partir do pífaro: repertório, aspectos técnicos e recursos didáticos**. 2005. 165 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- SWANWICK, Keith. **Música, pensamiento y educación**. Tradução de Montserrat Sanuy. Madrid: Morata, 1991.
- TAFFANEL, Paul; GAUBERT, Philip. **Méthode Complete de Flûte**. Paris: Leduc, 1958.
- WOLTZENLOGEL, Celso. **Método ilustrado de flauta**. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 1982.